

Graça ainda é o reduto



Os moradores se orgulham de viver no local, mas reclamam da descaracterização do bairro

Maurício Soto Maior

Catarina Paraguaçu, a mulher do navegador Diogo Álvares Correia, acordou de um sonho estranho no ano de 1530. A índia sonhou com uma moça que lhe pedia abrigo, identificando o mesmo rosto numa imagem de Nossa Senhora do Bom Parto recolhida num naufrágio. Cinco anos depois, este pedido divino fez Diogo Álvares ordenar a construção de pau-a-pique e coberta de palmeira, que mais tarde seria a Igreja de Nossa Senhora das Graças - a primeira do país. Ali é o coração de um dos bairros mais tradicionais e aristocráticos de Salvador: a Graça. Há controvérsias quanto à igreja da Graça ter sido mesmo a primeira do país, já que os templos da Vitória e da Ajuda são lembrados como mais antigos. Mas as Colinas da Graça já eram habitadas antes de existir a cidade de Salvador.

Este sentimento de orgulho continua resistindo entre os moradores do bairro, mas o "peso da idade" vem machucando muito o local. O privilégio de morar na Graça, nos anos 90, já não é mais o que era. As ruas tranquilas e arborizadas, sem lixo acumulado, adornadas por casarões coloniais ou prédios modernos, vêm dando lugar a um outro tipo de ocupação. A casa da aristocracia baiana entra no Século XXI se transformando num dos mais eficientes centros de serviços da cidade. "Eu cheguei a jogar futebol no Campo da Graça, fui amador do São Cristóvão e juvenil do Bahia", lembra o professor de Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura da UFBA, Eliodoro Sampaio, 52 anos. Quando ele chegou em Salvador, em 1961, a Graça era um bairro residencial. "Era...", completa.

Para o professor Eliodoro, aconteceu com a Graça o mesmo processo das demais áreas de cumeadas da cidade. "Este processo de transformações tem a ver com o crescimento do comércio. Primeiro foi com os bairros de Nuzaré, Politeama e Baris. A partir dos anos 80 foi com a Barra e Graça. Veja que não há diferença entre a Joana Angélica e a Euclides da Cunha, ambos são corredores de serviços", explica, lembrando da época de tranquilidade da Rua Rio São Pedro, onde morou. Mas o tempo passou e o Campo da Graça se transformou num condomínio. "Eu me lembro ainda do antigo Largo da Graça, era muito bonito. Da minha casa dava pra ver o mar, hoje já não dá pela quantidade de prédios", acrescentou Maria José Alves, 68, moradora da Barão de Loreto há 33 anos.

Passeando com o cão 'Eros', "a minha paixão", dona Maria José ainda encontra algumas ruas tranquilas na Graça. "A Rio São Pedro, a Esperanto, Flórida, Almirante Japiaguá. Mas a Euclides da Cunha é que está impossível", destaca. Já Vilma e José Teixeira - que se casaram, tiveram filhos e possuem o Abatedouro Rio Branco há 30 anos na Graça - lamentam a perda das áreas de lazer. "Minha irmã hoje mora onde eu morei, mas os filhos não podem mais sair de casa. O movimento aumentou e o que não falta é assalto", comenta Vilma. Para José Teixeira, as melhores casas foram demolidas quando os edifícios chegaram. "Os moradores vendiam as casas para morar nas coberturas dos prédios. Quando eu cheguei só existiam três ou quatro edifícios".

Na Rua Esperanto, um prolongamento da Rua da Paz, a moradora Teresa Chagas não tem do que se queixar do barulho. "A rua é bastante calma, mas perdemos aquele ar bucólico. Há 23 anos, quando cheguei, as pessoas se conheciam e se cumprimentavam nas ruas. Hoje ninguém sabe mais o nome de ninguém. Me lembro de um abaixo-assinado contra a demolição do Campo da Graça com mais de quatro mil assinaturas. Hoje dificilmente isso aconteceria".

As avenidas de vale, construídas na primeira metade dos anos 70, modificaram completamente o conceito da palavra bairro. De pequeno povoado, por sinal um dos mais antigos na história do Brasil, o bairro da Graça se transformou num forte centro comercial e de serviços. "A Graça de hoje é o que pode ser chamado de pólo gerador de tráfego. Há 15 anos possuía características marcadamente de destino final. A Graça era um bairro residencial para onde as pessoas se dirigiam, mas atualmente é um corredor de passagem", explicou Francisco Lessa, da Gerência de Informações do Centro de Planejamento Municipal (CPM). Para ele, as residências foram dando lugar à invasão do setor terciário.

A prova concreta desta invasão não está apenas nas garagens ou residências adaptadas para o comércio. O registro do Censo de 1991, em comparação ao Censo de 1970, mostrou uma redução do número de habitantes em 12%. "Isso é muito significativo para um bairro. Só existem três áreas onde a redução está acontecendo: Liberdade, Itapagipe e Graça/Barra, enquanto que os bairros de Itapuaçu e Cajazeiras são os que mais crescem. A elite que saiu da Graça, hoje, está encastelada nos condomínios fechados de Piauí e Lauro de Freitas ou em guetos como Horto Florestal ou Morro do Ypiranga", explicou Lessa. Enquanto isso, os letrados invadem as avenidas e ruas onde antes reinava a tranquilidade.

A Avenida Euclides da Cunha é a alegria dos office-boys, com nada menos que sete bancos - Itaú, Excel, Bamerindus, Bradesco, Banab, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. A Graça tem ainda 'A Quilo Tudo' e 'Tudo A Quilo' para quem gosta de uma refeição rápida e 'balanceada', além de restaurantes naturais, lanchonetes e fast-foods. E mais, locadoras de vídeo, padarias, cursos de inglês, supermercado, dois postos de gasolina, colégios de 1º e 2º graus, Clube de Bridge da Bahia, Bahiano de Tênis, academias de ginástica e incontáveis farmácias.



Fotos de Paulo Macedo

A maioria dos moradores tem saudade dos velhos tempos. O Largo da Graça, por exemplo, desapareceu para dar lugar às avenidas de vale

Centro comercial consolidado

As avenidas de vale, construídas na primeira metade dos anos 70, modificaram completamente o conceito da palavra bairro. De pequeno povoado, por sinal um dos mais antigos na história do Brasil, o bairro da Graça se transformou num forte centro comercial e de serviços. "A Graça de hoje é o que pode ser chamado de pólo gerador de tráfego. Há 15 anos possuía características marcadamente de destino final. A Graça era um bairro residencial para onde as pessoas se dirigiam, mas atualmente é um corredor de passagem", explicou Francisco Lessa, da Gerência de Informações do Centro de Planejamento Municipal (CPM). Para ele, as residências foram dando lugar à invasão do setor terciário.

A prova concreta desta invasão não está apenas nas garagens ou residências adaptadas para o comércio. O registro do Censo de 1991, em comparação ao Censo de 1970, mostrou uma redução do número de habitantes em 12%. "Isso é muito significativo para um bairro. Só existem três áreas onde a redução está acontecendo: Liberdade, Itapagipe e Graça/Barra, enquanto que os bairros de Itapuaçu e Cajazeiras são os que mais crescem. A elite que saiu da Graça, hoje, está encastelada nos condomínios fechados de Piauí e Lauro de Freitas ou em guetos como Horto Florestal ou Morro do Ypiranga", explicou Lessa. Enquanto isso, os letrados invadem as avenidas e ruas onde antes reinava a tranquilidade.

A Avenida Euclides da Cunha é a alegria dos office-boys, com nada menos que sete bancos - Itaú, Excel, Bamerindus, Bradesco, Banab, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. A Graça tem ainda 'A Quilo Tudo' e 'Tudo A Quilo' para quem gosta de uma refeição rápida e 'balanceada', além de restaurantes naturais, lanchonetes e fast-foods. E mais, locadoras de vídeo, padarias, cursos de inglês, supermercado, dois postos de gasolina, colégios de 1º e 2º graus, Clube de Bridge da Bahia, Bahiano de Tênis, academias de ginástica e incontáveis farmácias.

QUEM/Rubens Soares

Incansável defensor



Morador do local há 44 anos, o professor lançou um jornal para discutir os problemas infra-estruturais que o bairro vem enfrentando

Nascido e criado na Graça, o professor de Educação Física, Rubens Soares, 44 anos é um incansável defensor do bairro. É dele a ideia de fazer o jornal Graça Informa, que começou como marketing da Academia Triathlon, da qual é proprietário, e passou a discutir temas como o calçamento das ruas da Graça, a história de seus logradouros e campanhas para a melhoria da qualidade de vida no bairro. "Eu fui vizinho de Marcelo Nova e amigo de Raul Seixas numa época em que as elites tradicionais, como os Carvalhos Martins Catharino, reinavam na Graça. Por sinal a Graça tem ilustre moradores, inclusive foi escolhida pelo senador Antonio Carlos Magalhães", comenta, orgulhoso pela vizinhança.

"Não tenho dúvidas que a Graça foi esquecida, o abandono é visível. A prefeitura urbanizou e revitalizou a Vitória, mas não chegou aqui", explica Rubens. Através do Graça Informa, Rubens fez uma campanha para reformas nas calçadas da Euclides da Cunha. "Os moradores atenderam ao apelo de imediato. A próxima campanha será para o módulo do 6º BPM porque temos sérios problemas com a falta de segurança". Filho do médico Rubens Brasil, um dos fundadores da UFBA que também atendia a população carente na Graça, Rubens sonha com a tranquilidade dos tempos do bonde. "Naquela época não havia problemas. O ponto de encontro era na lanchonete do Ponto da Graça. Hoje não sobrou nem o largo".

CURIOSIDADES

O peso do progresso atingiu os pontos mais tradicionais do bairro da Graça de formas diferentes. O palacete dos Martins Catharino, há mais de 150 anos na Rua da Graça, teve boa parte da sua história remodelada, mas sobreviveu à divisão com o Colégio Delta. Com a Igreja de Nossa Senhora da Graça, no entanto, o progresso foi especialmente cruel. Da mesma forma que cortaram o Largo da Graça com lâminas de asfalto, deixaram apodrecer um patrimônio histórico erguido no Século XVI. Nem os turistas conseguem mais enxergar a Igreja da Graça, mesmo com sua recomendação incluída no roteiro oficial de turismo do estado.

O bonde da Estação da Graça tinha o número 06. O itinerário saía da Praça da Sé em direção ao Largo da Graça, passando pela Rua Chile, Campo Grande e Corredor da Vitória, subindo a Padre Feijó. As duas unidades eram muito bem frequentadas, mas conviviam frequentemente com a população carente com esperança de se tratar com o doutor John Paterson, um médico inglês de coração brasileiro. O busto de Paterson está no Largo da Graça e o bairro se consolidou como um centro médico.

Quem nunca viu um ônibus antigo, verde, abarrotado de verduras, que ficou eternamente estacionado ao lado da Igreja da Graça? Aquele ônibus foi doado à Prefeitura Municipal pelo governo dos Estados Unidos - é um genuíno Blue Bird, que já prestou serviços à Universidade Federal da Bahia. Após vender verduras nas Mercês, Campo Grande, parece que estacionou definitivamente como depósito de verduras no Largo da Graça.

As águas da Fonte de Nossa Senhora da Graça são mágicas. Quem as vê hoje, utilizadas pelos lavadores de carro, não imagina que elas encantaram o coração de um homem, Diogo Álvares Correia, o 'Caramuru', estava passeando por aquelas matas quando avistou a figura nua de uma índia. Das águas daquela fonte da Graça saiu o fogo que ardeu o coração de Caramuru. Ele transformou a índia em Catarina Paraguaçu, sua esposa, e nunca se interessou em morar do lado de dentro dos muros da cidade de Salvador.

O bairro da Graça, por algum motivo especial, sempre foi o preferido pelas colônias inglesas e alemãs. Os ares europeus imprimiram um status de altíssimo padrão, para a época, transformando a Graça no 'bairro nobre' de Salvador da primeira metade do Século XX. A 'nobreza' era tamanha que, nos dias de domingo, era comum ouvir os moradores locais convidando amigos para assistir uma partida de soccer no Campo da Graça.